

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 38**

**2018**

**Nº 221**

**JULHO – AGOSTO**

*Não aderimos ao novo acordo ortográfico*

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	<b>Editorial</b>	<b>2</b>
Calçada do Tojal, 95, s/c	<b>Palavras de Kardec</b>	<b>4</b>
1500-592 Lisboa	<b>Os gentios de hoje</b>	<b>7</b>
Telefone : 217 647 441	<b>Educação Espírita</b>	<b>10</b>
	<b>Grão de Incenso (poema)</b>	<b>15</b>
*	<b>Deus é culpado?</b>	<b>16</b>
Director Responsável :	<b>Pedra Filosofal (Poema)</b>	<b>20</b>
Manuela Vasconcelos	<b>Um anjo à minha mesa</b>	<b>22</b>
	<b>Vida</b>	<b>27</b>

Tiragem : 150 exemplares  
Distribuição Gratuita

\*

Registo nº.211720  
Depósito Legal Nº. 13972

\*

# EDITORIAL

De há vários anos a esta parte o mês de Junho passou a ser, para nós, mais do que apenas um mês: honestamente tal facto aconteceu a partir de 1984, ano e mês da inauguração da nossa Casa... e de cada vez que o recordamos – já lá vão tantos anos! – voltamos a sentir a alegria e o companheirismo de todos aqueles que ali estiveram connosco, lutando, trabalhando, dando o seu melhor para que as instalações estivessem num “brinquinho” quando abrissemos as portas ao público! Aos outros, os desencarnados, já as tínhamos aberto desde o momento que tomámos posse da chave e começámos as obras que se faziam necessárias!

E durante três meses não houve domingos nem feriados nem horas de deitar! Saíamos dali a desoras, cansados mas felizes pelos progressos que íamos fazendo a aproximar-nos sempre mais do dia da inauguração.

Ao longo dos tempos, fomos convidando colaboradores de outros Centros para palestras na nossa Casa – sempre diferentes, na preocupação de os irmos conhecendo e recebendo a todos – e se, no 5º aniversário, o Mentor Espiritual nos incentivou, dando a esperança de estarmos a agir bem, no 10º aniversário, com a sua afirmação de que até ali tínhamos estado a praticar e agora, iríamos, então, começar, as suas palavras davam-nos a “certeza” de que a nossa “entrega” estava correcta.

Nesse ano, para a comemoração do aniversário, escrevemos a primeira peça de teatro: anteriormente já tínhamos

apresentado uma ou duas, mas feitas pelo Raul Fernando que, entretanto, desencarnou. Ele foi o primeiro do ramalhete composto para e desde a inauguração. Depois, foi o João Magalhães, o nosso primeiro Presidente e autor de todos os Regulamentos da Casa... e a este, um e outro se foi seguindo, nestes trinta e poucos anos, restando apenas nós!

A peça de teatro – a cruz – que já apresentámos por várias vezes, inclusive no 1º Encontro de Arte Espírita, acontecido na Maia, foi a primeira de mais meia dúzia que assinámos e fomos dando ao público, todas elas de conteúdo espírita: é que é importante passar a mensagem e, às vezes, torna-se mais fácil fazê-lo assim que com grandes palestras, que podem encantar na altura em que são escutadas mas logo depois ficam esquecidas...

A que repetimos este ano – não vou ao Centro Espírita! – também já tinha participado de um Encontro da União dos Centros Espíritas de Lisboa, há uns anos atrás, depois de estreada na nossa Casa. Lembramo-nos que semanas depois de a termos apresentado, na leitura, para os nossos colaboradores, uma delas veio ter connosco para nos dizer que aquilo mesmo tinha acontecido com ela há uns anos atrás... e agora, mais uma vez se verificou o “alerta” com que dias depois alguns frequentadores nos vieram procurar a falar do tema e do alerta e significado que tinha sido para cada um deles.

Não nos move o orgulho, ao escrever estas palavras, mas a satisfação de “continuarmos no bom caminho” – um caminho sempre muito difícil de percorrer, dado os escolhos que constantemente nos querem impedir de avançar.

Mas estas comemorações têm uma outra intenção com que sempre as procuramos concretizar: a convivência entre todos os

colaboradores do Centro, a fraternidade que intentamos sempre fomentar entre uns e outros porque, havendo vários dias de tarefas com colaboradores mais ou menos específicos para cada uma delas, a necessidade de uma aproximação entre uns e outros é sempre precisa. (Não podemos falar e aconselhar a fraternidade se nós a não praticarmos dentro das paredes da Casa onde colaboramos).

Nestes 37 anos, muitos têm chegado, ficado, partido... não nos incomoda os que se afastam por não gostarem do que fazem ou do que lhes damos e procuramos transmitir: incomoda-nos sim que, enquanto estejam connosco, aprendam, estudem, saibam porque estamos aqui! É como quem diz: a semente, nós demo-la; o resto é com cada um!

Então, que o Senhor nos ajude e fortaleça enquanto quiser que continuemos ao Seu Serviço!

### *A DIRECÇÃO*

\*

## **PALAVRAS DE KARDEC**

### **Causa e Natureza da Clarividência sonambúlica**

#### **Explicação do fenómeno de lucidez**

*(Continuação)*

É esta a falta de todos os que procuram convencer-se por deficientes experiências. Eles sujeitam a clarividência sonambúlica às mesmas provas que a vista ordinária, sem

reflectirem que outras relações não há entre elas, além do nome que lhes damos; e porque os resultados não correspondem à expectativa, julgam mais simples negar.

Se procedermos por analogia, diremos que o fluído magnético, espalhado por toda a natureza, parecendo que os corpos animados são os seus focos naturais, é o veículo da clarividência sonambúlica, assim como o fluído luminoso o é das imagens percebidas para a nossa faculdade visual. Ora, do mesmo modo como este torna transparente os corpos, que livremente atravessa, assim aquele, penetrando todos os corpos, sem excepção, faz com que não haja corpo opaco para os sonâmbulos. Esta é a mais simples explicação, e a mais material, da lucidez, falando de acordo com os nossos conhecimentos.

Consideramo-la justa, porque o fluído magnético representa, incontestavelmente, importante papel no fenómeno; ela não compreende, porém, todos os factos. Há uma outra que os compreende a todos; mas reclama, para ser bem entendida, explicações preliminares.

Na vista a distância, o sonâmbulo não distingue os objectos, como o fazem por meio de óculos de aumento. **Não são os objectos que sed aproximam dele, por uma ilusão óptica. É ELE QUE VAI TER COM OS OBJECTOS.** Vê-os como se estivesse ao pé deles; vê-se a si próprio no ponto em que os observa; numa palavra, ele transporta-se. O corpo nesse momento parece que se some, a palavra é mais surda, o som da voz é alterado de modo estranho, a vida animal parece apenas existir nele, a espiritual está completa no lugar para onde se transportou o pensamento; só a matéria fica no ponto em que se vê o corpo.

Há, pois, uma parte do nosso ser que se separa do corpo, para transportar-se, instantaneamente, através do espaço, levada pelo pensamento e pela vontade. Essa parte é evidentemente imaterial; do contrário produziria algum efeito material e é a ela que nós chamamos – **alma**. Sim, é a alma que dá ao sonâmbulo as maravilhosas faculdades que este manifesta; é a alma que, em dadas circunstâncias, se apresenta em parte e momentaneamente, com o invólucro corpóreo.

Para quem quer que observe atentamente os fenômenos do sonambulismo, em sua maior pureza, é patente a existência da alma, e a ideia de tudo acabar em nós com a vida animal é um contracenso demonstrado à evidência.

Pode também dizer-se com alguma razão que o magnetismo e o materialismo são incompatíveis. Se há magnetizadores que parecem fazer exceção a esta regra, por professarem doutrinas materialistas, é que não têm estudado profundamente os fenômenos físicos do magnetismo, nem seriamente procurado a solução do problema da vista à distância. Como quer que seja, ainda não vimos um **sonâmbulo** que não seja profundamente religioso, **quaisquer que sejam as suas crenças no estado de vigília.**

*(Continua)*

(In: OBRAS PÓSTUMAS, edições Lake

\*

## OS GENTIOS DE HOJE

Dona Rosa tem uma bela loja de molduras e estou sempre por lá entre uma encomenda e outra...

*“Hors la charité, point de salut”*. Em bom português significa: *“Fora da caridade não há salvação”*.

Esta frase lapidar do Espiritismo merece mais ampla divulgação e então pedi a Dona Rosa para emoldurá-la. No dia aprazado fui até lá buscar a encomenda... Informação importante: Dona Rosa é católica!

Ao chegar lá ela disse-me: *“Dei uma briga com um cliente por causa desta frase que você mandou emoldurar: ele me disse que Espiritismo não é de Deus e a entrada no Paraíso não tem nada a ver com fazer ou deixar de fazer a caridade. Basta aceitar Jesus como salvador e ponto final!...”*

Observemos que ela ainda estava indignada com a atitude do cliente: “como ele pode criticar uma coisa que não conhece?! Eu tenho inúmeros clientes espíritas que são gente boa e inteligentes demais para se deixarem embair. São criaturas caridosas, fáceis de lidar com elas... Elas raciocinam e não têm nada de fanáticas como o indigitado!... Nunca vi um espírita lançar anátema em quem não pensa como ele...”

Calma, Dona Rosa! Não liga não!... A verdade se basta e não precisa de defensores. Um dia ele vai acordar e lamentar o tempo perdido...

Kardec é muito claro em suas explicações e com ele aprendemos que a prova da incredulidade ao é fácil para quem sofre o guante e as consequências.

O Mestre Lionês lembra-nos da recomendação de Jesus aos seus discípulos: *“Não procureis os gentios e nem entreis nas cidades dos samaritanos...”* e continua: *“(...) mas em muitas circunstâncias prova Jesus que Suas vistas não se circunscrevem ao povo judeu, mas que abrangem a humanidade toda. Se, portanto, diz a Seus discípulos que não vão ter com os pagãos, não é que desdenhe da conversão deles, o que nada teria de caridoso; é que os judeus, que já acreditavam no Deus uno e esperavam o Messias, estavam preparados, pela lei de Moisés e pelos profetas, a acolherem-lhes a palavra. Com os pagãos, onde até mesmo a base faltava, estava tudo por fazer e os apóstolos não se achavam ainda bastante esclarecidos para tão pesada tarefa. Foi por isso que lhes disse: *“Ide em busca das ovelhas transviadas de Israel”*, isto é, ide semear em terreno arroteado. Sabia que a conversão dos gentios se daria a seu tempo. Mais tarde, com efeito, os apóstolos foram plantar a cruz no centro mesmo do Paganismo.*

Essas palavras podem também aplicar-se aos adeptos e aos disseminadores do Espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados, os adversários interessados são para eles o que eram os gentios para os apóstolos. Que, pois, a exemplo destes, procurem, primeiramente, fazer prosélitos entre os de boa vontade, entre os que desejam a luz, nos quais um germen fecundo se encontra e cujo número é grande, sem perderem tempo com os que não querem ver, nem ouvir e tanto mais resistem, por orgulho, quanto maior for a importância que se pareça ligar à sua conversão. **Mais vale abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claro, do que a um só que se compraza na treva**, porque assim procedendo, em maior proporção se aumentará o número



dos sustentadores da causa. Deixar tranquilos os outros não é dar mostra de indiferença, mas de boa política. Chegar-lhes-à a vez, quando estiverem dominados pela opinião geral e ouvirem a mesma coisa incessantemente repetida ao seu redor. Aí, julgarão que aceitam voluntariamente, por impulso próprio, a ideia, e não por pressão de outrem. Depois, há ideias que são como as sementes: não podem germinar fora da estação apropriada, nem em terreno que não tenha sido de antemão preparado, pelo que melhor é se espere o tempo propício e se cultivem primeiro as que germinem, para não acontecer que abortem as outras, em virtude de um cultivo demasiado intenso.

Na época de Jesus e em consequência das ideias acanhadas e materiais então em curso, tudo se circunscrevia e localizava. A casa de Israel era um pequeno povo; os gentios eram outros pequenos povos circunvizinhos. Hoje, as ideias se universalizam e espiritualizam. A luz nova não constitui privilégio de nenhuma nação; para ela não existem barreiras, tem o seu foco em toda a parte e todos os homens são irmãos. E acrescentamos: por mais teimosos e diferentes que pareçam, todos os homens são irmãos! E ninguém deixará de fazer parte do único rebanho cujo Pastor é um só: Jesus!...

**ROGÉRIO COELHO**

(Manhuaçu – M.Gerais – Brasil)

\*

# EDUCAÇÃO ESPÍRITA

O Espiritismo veio ao mundo através da Ciência. Kardec, ao debruçar-se sobre os fenómenos que lhe foram apresentados, não o fez com um cãõ religiosa, prejudicada por qualquer visão sectária. Examinou os fenómenos como pesquisador, valendo-se de critério científico, aplicando o método experimental com clareza de raciocínio, a fim de não se perder no deslumbramento do novo mundo que se lhe revelava através dos diálogos extraordinários que mantinha com os Espíritos. Entretanto, depois de constatada cientificamente a veracidade da existência e da comunicabilidade dos Espíritos, teve o Missionário o discernimento que lhe permitiu não se deter apenas no campo experimental. Entendeu, desde logo, que a Revelação Espírita tinha finalidade mais ampla e mais nobre do que a simples comprovação da imortalidade e a comunicabilidade dos Espíritos.

Deixando o campo científico para outros Espíritos que vieram em sua equipe, deteve-se no campo filosófico, onde dialogou com os Espíritos, propondo-lhes questões a respeito de Deus, da Criação, da criatura, dos problemas do ser, do destino e da dor.

Poderia Kardec ter-se projectado como teólogo e ter-se perdido, como tantos outros, nos sinuosos caminhos das intermináveis discussões a respeito de cosmogonia, exegese bíblica e tantos outros temas tão a gosto de muito filósofos e teólogos.

Mas, o Missionário não reencarnara para enriquecer, dessa forma, a galeria dos filósofos, nem dos teólogos, limitando a sua actuação apenas ao campo da teoria. Não. Antes mesmo de os

Espíritos lhe revelarem o carácter da sua missão, ele já agia em função do compromisso assumido com Jesus, no sentido de trazer de volta o Evangelho, na sua feição de obra libertadora, logo, educadora. Embora não filiado a nenhum grupo religioso, era profundamente cristão, repartindo com o próximo aquilo que tinha – o saber, ministrando, gratuitamente, aulas nocturnas a grupos de jovens que se preparavam para a universidade.

É de se notar que o Espiritismo veio tirar o halo de misticismo inoperante, extático, que fora imposto à mensagem cristã, devolvendo-lhe a simplicidade encantadora, o dinamismo profundamente actuante na vida diária da criatura humana.

Já houve quem questionasse o carácter religioso do Espiritismo pelo facto de não ter lugares considerados sagrados, como templos, santuários, de não ter culto externo, de não ter sacerdócio organizado, nem ministrar sacramentos. Em verdade, o Espiritismo não tem nada disso, mas nem por isso deixa de ser religião. Se, para que uma religião se legitime como tal, é necessário que inclua essas práticas e possua templos, então Jesus não trouxe mensagem religiosa nenhuma.

Considerando-se Jesus a maior expressão religiosa de todos os tempos, e analisando-se a Sua actuação, diante daquilo que foi apresentado como religião, nos séculos subsequentes, chega-se a uma pergunta: o que é religião? Será um conjunto de práticas desenvolvidas no interior dos templos, ou uma prática de vida, capaz de fazer a criatura crescer espiritualmente, pela educação?

Que é educação? Será algo a ser imposto ao Espiritismo? Ou será incentivo para que se revele a luz que traz em si por herança divina? O verbo educar, na sua origem, significa *tirar para fora*. Jesus, dialogando com Seus contemporâneos, ensinando

a origem divina comum a todos, perguntou-lhes: *Não está escrito na vossa lei: eu disse: sois deuses?* (Jo, 10:34). No Sermão do Monte, recomenda: *Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens.* (Mt., 5:16)

Toda a mensagem religiosa de Jesus se fundamenta no esforço da criatura no sentido de revelar essa herança divina que todos trazemos. Nada de graças, além da graça da vida. Nada de privilégios... *e então dará a cada um segundo as suas obras* (Mt., 16:27).

A educação religiosa que Jesus propicia ao homem leva-o a conscientizar-se de que não será através de orações repetidas que estaremos agradando a Deus. *E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos.* (Mt, 6:7). Nem através de oferendas ou bajulações: *Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta.* (Mt., 5:23, 24).

*O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele, mais não faz do que fornecer-lhe o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.* (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIV, item 8).

Por essa citação, vê-se que o enfoque educacional da Doutrina Espírita é diferente, por considerar a criança não como um ser, cuja vida começou no ventre materno, mas um Espírito imortal, dotado de bagagem própria, individual, que se irá

manifestando à medida que o corpo o permita. Por isso é que, conscientes de que o Espírito está com o seu passado amortecido, beneficiado pelo esquecimento, aqueles que procuram educar a criança à luz dos ensinamentos espíritas buscam não perder tempo, aproveitando essa fase de aceitação de novas informações, a fim de sensibilizá-lo em relação às verdades e à noção de valores trazida pelo Evangelho, para que, mais tarde, quando as tendências de sua bagagem aflorarem, o espaço já esteja ocupado, pelo menos parcialmente, pelas ideias renovadoras, conforme nos ensinam os Espíritos Superiores, em resposta a Kardec: *Encarnando, com o objectivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais sensível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.* (O Livro dos Espíritos, item 383).

Educadores modernos valorizam a educação desde o nascimento. A educação, à luz do Espiritismo, reconhece isso e vai um passo além, lembrando à mãe que ela deve dialogar com o nascituro desde que se percebeu grávida, pois esse novo ser é, em verdade, um Espírito imortal, antigo aluno da escola da Terra, rematriculado agora, envergando um novo uniforme. A noção de imortalidade que o Espiritismo faculta ao homem abre-lhe a possibilidade de desenvolver um estado de consciência que se poderia chamar de cidadania espiritual. Esse estado de consciência leva-o a aprender, desde cedo, que o túmulo não representa, nem uma desgraça, nem a solução de problemas internos do Espírito. Representa apenas uma mudança de estado, de encarnado para o de desencarnado, uma mudança de residência, para onde o Espírito leva o produto dos seus trabalhos evolutivos, seus méritos e deméritos.

A educação espírita ensina-nos que Deus é justo e, como tal, cria todos os Seus filhos dotados da mesma capacidade de

progredir. Não há privilégios. Em princípio somos todos iguais. As diferenças individuais correm por conta do degrau evolutivo em que o Espírito se encontra.

A educação espírita é voltada no sentido de derrubar as fronteiras milenares que separam o sagrado do profano, o celeste do terrestre, levando o homem à aplicação dos princípios ético-morais do Evangelho em todas as situações da vida, conforme Jesus ensinou e exemplificou. Moralmente, não há diferença nem mesmo entre o material e o espiritual. A vida material e a espiritual são vistas apenas como oportunidades distintas, deferidas ao Espírito imortal, mas não como situações capazes de legitimar posturas ético-morais diferentes.

### *JOSÉ PASSINI*

(In: Jornal MUNDO ESPÍRITA, da Federação Espírita do Paraná, Brasil, Março de 2018).

\*

Auxiliar alguém é fazer o investimento da verdadeira alegria, e toda alegria no exercício do bem é dom de vida e luz que nos aproxima de Deus. – EMMANUEL.

\*

# GRÃO DE INCENSO

Entraste com ar cansado  
Numa igreja fria e triste.  
Ajoelhei-me a teu lado  
- E nem ao menos me viste...

Ficaste a rezar ali,  
Naquela imensa tristeza.  
Rezei também, mas a ti.  
- Que aos anjos também se reza...

Ficaste a rezar até  
Manhã dentro, manhã alta.  
Como é que tens tanta fé  
E a caridade te falta?...

*AUGUSTO GIL*

\*

# DEUS É CULPADO?

Como é que Deus teria permitido algo horroroso assim acontecer, no dia 11 de Setembro?

Ana Graham deu uma resposta profunda e sábia:

- Eu creio que Deus ficou profundamente triste com o que aconteceu, tanto quanto nós. Por muitos anos temos dito para Deus não interferir em nossas escolhas, sair do nosso governo e sair de nossas vidas. Sendo um cavalheiro como Deus é, eu creio que Ele calmamente nos deixou. Como poderemos esperar que Deus nos dê a sua benção e a sua protecção se nós exigimos que Ele não se envolva mais connosco?...

- À vista de tantos acontecimentos recentes – ataque dos terroristas, tiroteio nas escolas, etc.... – eu creio que tudo começou desde que Madeleine Murray O’Hara (que foi assassinada), se queixou de que era impróprio fazer-se oração nas escolas americanas, como se fazia tradicionalmente, e nós concordámos com a sua opinião.- Depois disso, alguém disse que seria melhor não ler mais a Bíblia nas escolas... A Bíblia nos ensina que não devemos matar, roubar e devemos amar o nosso próximo como a nós mesmos. E nós concordámos com esse alguém...

- Logo depois, o Dr. Benjamim Spock disse que não deveríamos bater em nossos filhos quando eles se comportassem mal, porque suas personalidades em formação ficariam distorcidas e poderíamos prejudicar sua auto estima (o filho dele se suicidou) e nós dissemos: “Um perito neste assunto, deve saber o que está falando”. E, então, concordámos com ele...



- Depois, alguém disse que os professores e directores das escolas não deveriam disciplinar nossos filhos quando se comportassem mal. Então, foi decidido que nenhum professor poderia tocar nos alunos... (há diferença entre disciplinar e tocar)...

- Aí, alguém sugeriu que deveríamos deixar que nossas filhas fizessem aborto, se elas assim o quisessem. E nós aceitámos, sem ao menos questionar.- Então, foi dito que deveríamos dar aos nossos filhos tantas camisinhas quantas eles quisessem, para que eles pudessem divertir-se à vontade. E nós dissemos: está bem!...

- Então, alguém sugeriu que imprimíssemos revistas com fotografias de mulheres nuas, e disséssemos que isto é uma coisa sadia e uma apreciação natural do corpo feminino... - Depois, uma outra pessoa levou isso um passo mais adiante e publicou fotos de crianças nuas e foi mais além ainda, colocando-as à disposição da Internet. E nós dissemos: “Está bem, isto é democracia, e eles têm o direito de ter liberdade de se expressar e fazer isso”...

- Agora nós estamos nos perguntando por que nossos filhos não têm consciência e porque não sabem distinguir entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, porque não os incomoda matar pessoas estranhas ou seus próprios colegas ou a si próprios... Provavelmente, se nós analisarmos seriamente, iremos facilmente compreender: nós colhemos aquilo que semeamos!!!!...

- ... Uma menina escreveu um bilhete para Deus: - Senhor, porque não salvaste aquela criança na escola?...” A resposta d’Ele : “Querida, não me deixam entrar nas escolas!”

..

- ... É triste ver como as pessoas simplesmente culpam Deus e não entendem porque o mundo está indo a passos largos

para o inferno... É triste como cremos em tudo o que os jornais e as TV dizem, mas duvidamos do que a Bíblia, ou do que a sua religião, que você diz que segue, ensina... É triste como todo o mundo quer ir para o céu, desde que não precise crer, nem pensar ou dizer qualquer coisa que a Bíblia ensina. É triste como alguém diz “Eu creio em Deus”, mas ainda assim segue Satanás que, por sinal, também “crê” em Deus...

É engraçado como somos rápidos para julgar, mas não queremos ser julgados!... Como podemos enviar centenas de piadas por e-mail, e elas se espalham como fogo, mas quando tentamos enviar algum e-mail falando de Deus, as pessoas têm medo de compartilhar e reenviá-lo a outros. É triste ver como o material imoral, obsceno e vulgar corre livremente na Internet, mas uma discussão pública a respeito de Deus é suprimida rapidamente na escola e no trabalho. É triste ver como as pessoas ficam inflamadas de Cristo no domingo, mas depois se transformam em cristãos invisíveis pelo resto da semana...

(...) Gozado que nós nos preocupamos mais com o que as outras pessoas pensam a nosso respeito do que com o que Deus pensa... “Garanto que Ele, que enxerga tudo em nosso coração, está torcendo para que você, no seu livre arbítrio, envie estas palavras a outras pessoas”.

\*

Este texto, que guardámos durante alguns meses, hesitando na sua publicação, foi-nos enviado via Internet... e hoje resolvemos, finalmente, trazê-lo e comentá-lo para os nossos leitores... talvez por reconhecermos como a imoralidade – ou a falta de Deus nas escolas e nos corações das crianças – se vai tornando sempre maior, por que a falta de Deus traz, por

consequência, tudo o resto. Hoje, tirando os mais velhos, que continuam a seguir os passos que aprenderam a dar quando foram crianças, e alguns outros, mais jovens, porque “precisam de qualquer coisa em que acreditar”, é difícil ouvir-se falar em Deus com aquela fé com que antigamente se escutava o Seu nome... e ainda há aqueles que cresceram “com Deus” mas, mais tarde, o não partilharam com os familiares que foram chegando, arrependendo-se depois, quando havia já a pedra da indiferença nos outros corações, onde ninguém tentou a substituição...

Com o amparo divino tudo nos pode acontecer porque sabemos que não estamos sós e d’Ele nos vem a força de que necessitamos para prosseguirmos, palmilhando o nosso caminho... e a certeza de que “Deus ainda não se cansou de nós” dá-nos força para continuarmos, sejam quais forem as quedas que vamos dando.

“A fé que nos anima” faz-nos perceber que não estamos sós no Universo, nem aqui, neste instante, nesta reencarnação... Além de sentirmos que somos, realmente, uma partícula divina, sabemos – sentimos - que se Ele nos criou, um dia, não importa quando, deixaremos de sofrer com as asneiras que vamos fazendo e de que Ele não tem qualquer espécie de culpa, porque a Sua Perfeição e Misericórdia não as podiam ter criado para nós as vivermos. Então, concluindo que fomos nós a criá-las, e as estamos vivendo subordinados que todos somos à Lei de Causa e Efeito, resta-nos a consolação de sabermos e sentirmos que podemos sempre procurar o Seu apoio para que os nossos passos não vacilem mais na caminhada, naqueles momentos em que temos a certeza do que queremos e de que esse nosso querer está correcto... E se a nossa fé n’Ele se manifesta assim, compreendemos também que não estamos sós e fazemos parte de

uma família imensa onde todos estamos inseridos para vivenciar o amor...

Mas sabemos, também, daqueles outros – pais que não O tendo consigo, educam os filhos num egoísmo tremendo, egoísmo que chega às raias da violência quando os aconselham a que na escola façam e aconteçam, se algum coleguinha se meter com eles ou se os professores os tentarem castigar!

Não estarmos sós no Universo – começando por não o estarmos neste cantinho tão pequenino que é a Terra – torna-nos gratos pela inteligência que deixou despertasse já em nós, inteligência que nos ajuda a distinguir o bem do mal e a perceber a falta que Ele nos faz – principalmente nos locais de onde foi escorraçado ou onde ainda O não deixaram entrar. Mas Ele não tem pressa... e a cada um de nós, seja o que for que tenhamos feito, a cada um de nós, como na parábola do filho pródigo que Jesus nos deu, talvez para termos sempre a esperança e a certeza de podermos voltar para Casa – a Casa do Pai – um dia, não importa quando mas sempre dependendo da nossa vontade e afincado em nos tornarmos melhores, um dia para a Sua Casa voltaremos, para lhe chamarmos carinhosa e amorosamente, Senhor Meu Pai!

*MANUELA VASCONCELOS*

\*

## **PEDRA FILOSOFAL**

Eles não sabem que o sonho  
É uma constante da vida

tão concreta e definida  
Como outra coisa qualquer...  
Como esta pedra cinzenta  
Em que me sento e descanso,  
Como este ribeiro manso  
Em serenos sobressaltos,  
Como estes pinheiros altos  
Em que verde e oiro se agitam,  
Como estas aves que gritam  
Em bebedeiras de azul...  
Eles não sabem que o sonho  
É vinho, é espuma, é fermento,  
Bichinho álaçre e sedento  
De focinho pontiagudo  
Que fossa através de tudo  
Num perpétuo movimento...  
Eles não sabem que o sonho  
É tela, é cor, é pincel,  
Base, fuste ou capitel,  
Arco em ogiva, vitral,  
Pináculo de catedral,  
Contraponto, sinfonia,  
Máscara grega, magia,  
Que é retorta de alquimista,  
Mapa do mundo distante,  
Rosa-dos-ventos, Infante,  
Caravela quinhentista  
Que é Cabo da Boa Esperança...

Ouro, canela, marfim,  
Florete de espadachim,  
Bastidor, passo de dança,  
Columbina e Arlequim.  
Passarola voadora,

Pára-raios, locomotiva,  
Barco de proa festiva,  
Alto forno, geradora,  
Cisão do átomo, radar,  
Ultra-som, televisão,  
Desembarque em foguetão  
Na superfície lunar...  
Eles não sabem nem sonham  
Que o sonho comanda a vida,  
Que sempre que um homem sonha  
O mundo pula e avança  
Como bola colorida  
Entre as mãos de uma criança...

*ANTÓNIO GEDEÃO*

(In: livro MOVIMENTO PERPÉTUO, 1956.

## **UM ANJO À MINHA MESA**

Na nossa casa em Indiana, o ambiente era fervorosamente católico e os anjos eram considerados como membros da família. Nos dias de festa, a minha avó italiana punha sempre mais um prato na mesa para o nosso anjo da guarda. Nos nossos aniversários, eramos nós, os seis irmãos, quem punha o seu prato. A avó dizia que era uma forma de lhe agradecer e pedir-lhe protecção para o ano que começava.

Acreditávamos, realmente, nos anjos. Na escola, as freiras falavam-nos deles. Na missa, chegávamos a deixar o nosso anjo da guarda sentar-se primeiro no banco da igreja. Uma das primeiras orações que aprendi, dizia: “Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador, pois que a ti nos confiou a piedade divina, sempre nos rege, guarda, governa e ilumina.”

Quanto ao resto, até aos 14 anos tive uma infância comum. Nesse ano, Frank, meu irmão preferido, de 8 anos, começou a cansar-se muito e a aparecer com equimoses a torto e a direito. Para animá-lo, ensinei-o a andar na minha bicicleta mas, passado pouco tempo, ele já nem conseguia empurrar os pedais e passava mais tempo no hospital do que em casa. Naquele tempo eu não sabia, mas o meu irmão estava com leucemia. Um dia os meus pais voltaram do hospital a chorar. O padre da paróquia, que os acompanhava, disse-nos que o anjo da guarda do Frank o levava consigo para o céu. O meu coração ficou tão triste que eu não parava de chorar. A avó perturbou-se de tal maneira que esqueceu o inglês e começou a falar italiano.

Mal sequei as lágrimas comecei a sentir uma raiva intensa crescer dentro de mim, como um pedaço de metal a mudar de verde para laranja, amarelo e, finalmente, para branco candente. “Porque é que os meus pais não me tinham dito que o Frank ia morrer?”, gritava eu por dentro. “E como tinha o anjo dele permitido tal coisa?” Odiei o anjo de Frank. Que coisa mais idiota para acreditar! A minha raiva não passou. Nesse verão agredi toda a gente e acabei por perder o meu melhor amigo depois de lhe ter batido. O meu pai arranjou-me um saco de treino, que destruí a soco numa semana. E quando a minha avó tentou falar-me em anjos, virei-lhe as costas. No Outono, no dia do meu aniversário, não pus mais um lugar à mesa. A morte prematura de Frank despertou em mim uma ira incontrolável contra tudo o que não

fosse perfeito. Tornei-me obcecado em realizar o maior número de coisas, no menor espaço de tempo. No colégio, canalizei a minha agressividade para o futebol e para a luta, tendo-me tornado o melhor atleta de todas as equipas. Como me aplicava compulsivamente aos estudos, no fim do curso fui o terceiro aluno mais bem classificado da turma e ganhei uma bolsa para a Universidade.

Arranjei um emprego no Verão, como vendedor, e trabalhava sete dias por semana, de manhã à noite. Foi então que conheci Marie. Mal ela assomou à porta para ouvir o meu discurso inflamado sobre as engenhocas que eu vendia, apaixonei-me por aquele rosto redondo e por aqueles grandes olhos castanhos. Pouco depois, pedi-a em casamento. Ela riu da coisa mas, dois anos mais tarde, estávamos unidos. O casamento, os estudos e um emprego de meio expediente constituíam um escape positivo para a minha energia bloqueada. Depois da Faculdade, a minha raiva prosseguia, transformando-se num desmedido desejo de vencer. Trabalhava numa firma de exportação-importação e vivia literalmente no escritório, dias a fio. Quando voltava para casa sentia-me exausto demais para dar atenção a Marie e aos nossos três filhos. Por volta dos 30, já tinha atingido a vice-presidência.

No fim da semana da Páscoa, Marie apareceu no escritório onde eu fazia serão. “Jack, vou deixar-te. Quero pedir o divórcio.” Explicou que o nosso casamento era um desastre, com um marido que nunca estava em casa e que a afastara completamente da sua vida. “Já levei as crianças para casa da minha mãe e também vou para lá. Se vais voltar para nós ou não, isso é contigo.” E abandonou o escritório e a casa. O choque foi tão grande que perdi a voz. Era como se estivesse de novo a passar pela morte do meu irmão e, uma vez mais, só me tivesse dado conta da realidade tarde demais. Comecei a abrir armários e a atirar às paredes o que tinha



à mão. “Como pode ela fazer-me isto?!” Perdi a cabeça, enquanto garrafas e outros objectos voavam. No último armário havia uma pilha de pratos da minha infância. Quando os vi, assaltaram-me recordações do meu irmão e comecei a chorar. Empilhei os pratos na mesa da cozinha e comecei a atirá-los, um a um, para o lava-louça. O último, porém, não consegui levantá-lo. Estava preso à mesa. Puxei-o com ambas as mãos, mas nem assim. Fiquei ali, assim, ofegante e a transpirar, com as mãos a sangrar depois de ter partido um copo, quando, de repente, uma voz soou à minha volta: “Jack, põe um lugar para mim, à mesa.” Era uma voz doce e piedosa, que soava com um acento feminino mas que, no entanto, me fez sentir um arrepio de medo. Sentei-me e chorei, até que a minha cabeça, de tanto latejar, me impediu de continuar. Quando, por fim, me levantei e lavei a cara, reparei que a cozinha estava um caos. Olhei para o único prato que restava e tornei a ouvir aquela bela voz, como se se tratasse de um soprano cantando suavemente. “Quem é você?”, perguntei arquejante. “Sou teu conhecido, Jack” – respondeu a voz -. “Põe um lugar para mim à mesa.” Sentei-me e olhei para o prato, inundado pela paz mais incrível que alguma vez sentira. Depois, inclinei a cabeça e rezei a oração que aprendera com meu irmão: “Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador...” Depois de terminar, durante uma boa hora falei com o anjo sobre a minha vida. Não posso afirmar que o vi, do outro lado da mesa, mas senti a sua presença, tal como o ouvira falar. Ele disse-me que, uma vez passada a minha fúria, eu iria finalmente mudar de vida.

Já o céu começava a ficar cinzento quando ouvi a chave girar na fechadura. Era Marie. Horrorizada, percorreu a cozinha com o olhar e depois veio até mim e abraçou-me. “Não consegui dormir”. Disse, chorando. “Era como se ouvisse uma voz que repetia sem cessar: o Jack precisa de ti. Por isso, vim.” Limpou-me, tratou as minhas mãos e ajudou-me a deitar sem pronunciar

mais uma palavra. Enquanto eu dormia, ela passou horas a arrumar tudo. Quando fiz menção de pedir desculpas, abanou a cabeça. “Diz-me só uma coisa – pediu -, porque foi que, depois de teres partido tudo o que encontraste na cozinha, te deste ao trabalho de pôr a mesa?” Ela tinha um ar pensativo, quando acabei de lhe contar a história. “Há qualquer coisa de diferente em ti, Jack – observou ela -. A tensão passou e agora estás com o ar mais descontraído que já te vi.”

“Espero que isto não te pareça absurdo”, comecei, “mas quero manter para sempre aquele lugar à mesa. Se o meu anjo não tivesse vindo ontem à noite, eu não sei o que teria feito. Quero continuar a lembrar algo que sabia, em criança, e depois esqueci.”

Aquela estranha noite aconteceu há 20 anos, mas os seus efeitos permaneceram em mim. Marie e eu tirámos as primeiras férias juntos, desde a nossa lua de mel, e começámos a reconstruir o nosso casamento. Em 1992 celebrámos o nosso 35º aniversário. Os nossos três filhos construíram as suas próprias famílias e temos agora seis netos na Terra e um à nossa espera, no céu. Abandonei o emprego para trabalhar por conta própria, o que encarei como um prazer e não como uma obrigação. Todas as noites continuo a pôr o velho prato e a caneca de alumínio amolgada, os talheres e o guardanapo. Para o meu anjo da guarda e para Deus, que foi quem o enviou, eles são a garantia de que ele será sempre bem-vindo à minha mesa.

***JAMES DIBELLO***

(In: Selecções do Reader’s Digest, Dezembro de 1993).

# VIDA

Aprende a pensar em termos de eternidade para que o internato no corpo físico não te empane a visão da vida.

Uma existência na Terra constitui precioso mas breve aprendizado, em que sob a ficha do certo reduto familiar, conquistas o privilégio de avançar para diante nas sendas evolutivas ou a permissão de recapitular as próprias experiências.

Não te esqueças, porém, de que a morte se incumbirá de te interromper o usufruto das regalias humanas, na aferição dos valores ou dos prejuízos que hajas angariado em favor ou desfavor de ti próprio, a fim de que não percas a necessária renovação para o grande amanhã.

Assevera a ciência terrena que herdaste, em função da genética, os caracteres dos próprios antepassados, próximos ou longínquos, entretanto, no fundo, não recolhes dos outros a riqueza das qualidades nobres ou o fardo dos sofrimentos, mas sim de ti mesmo, das próprias obras semeadas, vividas e revividas, de vez que somos, quase sempre, na ribalta do mundo, os mesmos intérpretes do drama redentor, guardando connosco as bênçãos ou as dores que amealhamos dentro da luta, embora ostentando máscaras diferentes.

Hoje, pagamos dívidas de ontem, mas é possível venhamos a solver amanhã compromissos pesados que deixamos em distante pretérito, exigindo-nos atenção.

Recebe a aflicção e a dificuldade, aliviando as aflições e as dificuldades alheias; pede auxílio, auxiliando; roga o socorro do Céu, socorrendo aos que te rodeiam na Terra, porque entre os panos do berço e os panos do túmulo, desfrutas simplesmente um dia curto no tempo ilimitado, dentro da vida imperecível, baseada na justiça perfeita e no amor sem fim.

*EMMANUEL*

(In: MEDITAÇÕES DIÁRIAS, psicografia de Francisco C. Xavier. Ed. IDE – Instituto de Difusão Espírita. Araras. Brasil.

\*

Reivindicações e reclamações : Busquemos o Reino de Deus e Sua Justiça e tudo mais de que necessitemos ser-nos-à acrescentado. – EMMANUEL.

\*